Gênero, sexualidade e cultura: uma agenda contemporânea.

Relações de gênero na perspectiva dos/as professores/as do ensino fundamental

Ellis Regina Ferreira dos Santos
Idalina Maria Freitas Lima Santiago

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MACHADO, CJS., SANTIAGO, IMFL., and NUNES, MLS., orgs. *Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2010. 256 p. ISBN 978-85-7879-038-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Relações de gênero na perspectiva dos/as professores/as do ensino fundamental

Ellis Regina Ferreira dos Santos
Idalina Maria Freitas Lima Santiago

Este artigo apresenta dados que se constituem em considerações acerca da importância de se analisar as questões de gênero na dinâmica sócioeducacional do cotidiano escolar. Essas considerações vinculam-se às discussões apontadas nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* que, ao enfocarem os *Temas Transversais*, destacam as questões voltadas para as relações de gênero no espaço escolar como sendo aspectos que contribuem para a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano.

Pensar a escola do século XXI, certamente, envolve a possibilidade de percebê-la a partir de um novo contexto educacional que parece despontar no horizonte dos desafios emergenciais da contemporaneidade, qual seja, a necessidade de se reelaborar o fazer pedagógico, agora, em uma perspectiva essencialmente de democracia, cidadania, solidariedade e compreensão do ser humano em sua totalidade.

Esse novo ponto de vista educacional pontua uma educação associada às questões sócioeconômicas, políticas e afetivas que movem as relações humanas. Educação esta que, por buscar perceber o ser humano na sua totalidade, pode

romper com as barreiras de uma educação racionalista que prioriza a mente (razão) em detrimento do corpo.

Dessa forma, espera-se que a escola do século XXI possa repensar a concepção de ser humano, de maneira a reconhecê-lo como um ser capaz de avaliar seus atos e transformar sua realidade. Santos (1999, p. 136) considera que “os novos conhecimentos científicos – humanos e tecnológicos – permitem analisar o atual contexto e identificar as novas necessidades educacionais. Nessa perspectiva, a escola, em sua função social, seus objetivos, suas estruturas e suas dinâmicas, pode e deve ser revista”.

Rever as práticas educativas desenvolvidas, na escola, parece ser, então, a grande meta da contemporaneidade. Seria considerar que:

Atualmente, o repensar educacional tem reforçado o fim último (ou primeiro) da escola que é promover a integração e o bem-estar do indivíduo e da coletividade, porém a partir de uma nova visão de homem e de mundo. Mais do que nunca necessitamos de mudanças no processo de ensinar e de aprender na escola (SANTOS, 1999, p. 136).

Nessa busca por um novo tipo de escola, destaca-se uma peculiar necessidade educacional, qual seja:

Definir um projeto de qualidade que some às reivindicações específicas (quanto à política educacional que fomente melhores salários, condições de trabalho, elaboração de métodos pedagógicos etc.), o reconhecimento da importância da etnia, da geração e do gênero nas relações escolares e na construção do conhecimento (VIANNA, 1997, p. 119).

Com base nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (2001), se a escola a qual se deseja deve ter uma visão integrada das experiências vividas pelos educandos, é necessário que esta reconheça que desempenha um papel importante na educação para combater as relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para sua transformação. Nesse sentido, a escola deve desenvolver, também, uma ação educativa voltada para refletir em torno de discussões referentes à saúde e ao bem-estar do ser humano e às questões de gênero.

Implantar, no contexto escolar, esse olhar educacional, que pode reconhecer que a discussão sobre as relações de gênero contribui para que as pessoas

se descubram como sujeitos de suas vidas, abre espaço para se pontuar algumas reflexões sobre as relações de gênero, reflexões estas que vêm despontando como um caminho possível nessa busca do entendimento da totalidade do ser e como um fundamento para um novo fazer pedagógico.

As questões de gênero estão intrinsecamente ligadas ao movimento de mulheres, de forma tal que o conceito de gênero implica em uma tentativa de explicar muitos dos comportamentos de mulheres e homens em nossa sociedade, possibilitando uma compreensão de grande parte dos problemas e dificuldades que as mulheres enfrentam no trabalho, na vida política, na sua vida sexual e reprodutiva na família, frente as mesmas questões já culturalmente asseguradas aos homens.

O conceito clássico de gênero baseia-se na articulação entre natureza e cultura, o que se convencionou chamar de sistema sexo/gênero, para o qual sexo explicita as diferenças entre macho e fêmea da espécie humana, no tocante aos aspectos físicos e biológicos de cada um; são aquelas diferenças que estão no corpo e que não mudam radicalmente, apenas se desenvolvem de acordo com as etapas da vida tanto da fêmea, quanto do macho. O gênero se refere às representações que são construídas pela sociedade a partir do que ela estabelece para as diferenças anatômico-fisiológicas, criando assim as ideias do que é ser homem e do que é ser mulher, do que é masculino e do que é feminino.

Segundo Barbieri (1993), os sistemas sexo/gênero podem ser definidos como:

Os conjuntos de práticas, símbolos, representações, normas e valores que as sociedades elaboram a partir da diferença sexual anatômico-fisiológica e que dão sentido à satisfação dos impulsos sexuais, à reprodução humana e, em geral, ao relacionamento entre as pessoas. [...] Os sistemas de sexo/gênero são, portanto, o objeto de estudo mais amplo que permite compreender e explicar a dualidade de subordinação feminina-dominância masculina (BARBIERI, 1993, p. 4).

Conforme Villela e Barbosa (1996), um dos aspectos mais instigantes do conceito de gênero é sua dimensão relacional, muitas vezes esquecida em diferentes análises, ou de difícil operacionalização. Essas autoras consideram que embora parte desta limitação tenha suas raízes na emergência dos “Estudos de Gênero a partir do feminismo – com uma produção voltada predominantemente para a mulher – temos que admitir que a utilização do conceito numa

perspectiva unilateral introduz um viés que reduz de modo significativo sua força e originalidade” (VILLELA; BARBOSA, 1996, p. 190).

O conceito de gênero, conquanto tenha surgido das análises acerca de mulheres, refere-se, também, aos homens e implica relações que produzem uma distribuição desigual de autoridade, de poder e de prestígio entre as pessoas de acordo com seu sexo. Costa assegura que:

As desigualdades não advêm do fato de termos nascido ‘machos’ ou ‘fêmeas’, mas sim das relações e dos papéis sociais e sexuais construídos social e culturalmente – o sexo não explica as relações de poder, de dominação e de exclusão às quais a mulher está subordinada. Sendo as relações entre homens e mulheres construídas socialmente e não determinadas pelo sexo, elas podem ser transformadas (COSTA, 2002, p. 4).

Louro (1997), também, pontua que o conceito de gênero é usado com forte apelo relacional – já que é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros. Logo, ainda que os estudos continuem dando ênfase às análises sobre as mulheres, esses estarão agora, de forma muito mais explícita, referindo-se também aos homens. Dessa forma, busca-se, intencionalmente, contextualizar o que se afirma ou se supõe sobre os gêneros, tentando evitar as afirmações generalizadas a respeito da mulher ou do homem. Na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, faz com que aqueles/as que o empregam levem em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando.

Conforme a referida autora, esta forma de conceituar gênero passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Nota-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos étnicos, religiosos, raciais, de classe que a constituem.

Scott (1995) define gênero a partir de uma conexão integral entre duas proposições, quais sejam: o gênero como sendo um elemento constitutivo de relações sociais que tem como base as diferenças percebidas entre os sexos, e gênero como sendo uma forma primária de dar significados às relações de poder.

O que se observa, conforme Scott (1995), é que 'gênero' tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. O uso de 'gênero' enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade.

Louro (1997), em uma leitura do pensamento de Scott (1995), observa que um fator interessante na sua argumentação é a ideia de que é preciso desconstruir o caráter permanente da 'oposição binária' masculino-feminino, ou seja, que "é constante nas análises e na compreensão das sociedades um pensamento dicotômico e polarizado sobre os gêneros; usualmente se concebem homem e mulher como pólos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão" (LOURO, 1997, p. 31). Para Scott (1995, p. 87), seria indispensável implodir esta lógica, pois "o desafio da nova pesquisa histórica consiste em fazer explodir essa noção de fixidez, em descobrir a natureza do debate ou da repressão que leva à aparência de uma permanência intemporal na repressão binária do gênero".

Um aspecto fundamental da discussão sobre as relações de gênero é que a mesma contribui para que as pessoas descubram-se como sujeitos de suas vidas a partir da ideia de que, ao mesmo tempo em que são socialmente determinadas, suas ações no mundo também interferem nesse mesmo contexto social, surgindo, dessa forma, a possibilidade da mudança e interrupção do processo de reprodução do que já existe.

Levando em consideração as reflexões apresentadas anteriormente, neste artigo, procura-se analisar o entendimento de professores/as da oitava série de uma escola pública e de uma escola particular da cidade de Campina Grande - PB, sobre as relações de gênero.

Caracteriza-se como sendo um estudo descritivo-analítico, tendo como amostra dez participantes, assim distribuídos: na escola pública foram entrevistados três professoras e dois professores; igualmente na escola particular foram entrevistados três professoras e dois professores. A não obtenção da paridade entre os gêneros para composição da amostra se deu em virtude de essas escolas apresentarem quantidades diferenciadas de professores/as, sendo, em ambas as escolas, maior a quantidade de professoras. Vale ressaltar que determinadas disciplinas apresentam mais de um/a professor/a, mas se estipulou como um dos critérios da pesquisa entrevistar um participante por disciplina,

atendendo a disponibilidade dos/as entrevistados/as em participar da pesquisa. Logo nos primeiros contatos estabelecidos, dispuseram-se mais professoras do que professores, acarretando que nem todas as disciplinas foram contempladas, engajando-se professores/as das disciplinas de Ciências, História, Geografia, Educação Física e Português.

O instrumento de coleta de dados consistiu em entrevistas semiestruturadas contendo perguntas abertas, as quais passaram antes pela apreciação e aprovação do Comitê de Ética. As referidas entrevistas foram gravadas e depois transcritas na íntegra. Os dados foram analisados à luz da análise de conteúdo, segundo Bardin (1977), Triviños (1987) e Gil (1991).

Os dados coletados foram agrupados e organizados através de categorizações realizadas a partir da análise qualitativa do conteúdo apreendido no discurso dos sujeitos da pesquisa. Assim, destaca-se a categoria central ‘relações de gênero’, a qual se desdobra nas subcategorias: ‘ser mulher’; ‘ser homem’.

Através dos dados analisados, observou-se ser predominante a não-familiaridade dos/as entrevistados/as com o termo ‘relações de gênero’, caracterizada pela dificuldade em definir esta categoria e em contextualizá-la tomando por base as diferenças baseadas no sexo. Dentro deste contexto, os/as entrevistados/as mostraram a necessidade de serem auxiliados na compreensão do termo, de forma que somente depois desse auxílio é que conseguiram expressar seu entendimento sobre a questão.

Dos/as dez professores/as entrevistados/as, a metade (duas mulheres e três homens) confirmou essa não-familiaridade com o termo ‘relações de gênero’ e terminou por expressar: “Espécies diferentes? Não estou entendendo! O gênero?” (Entrevistada 01, escola pública, ciências). Ou ainda, “eu não entendo assim muito, esse termo não é muito familiar, pode ser que eu saiba, agora não é familiar este termo” (Entrevistado 03, escola particular, educação física). Como também, referente a essas pontuações, houve falas que relacionaram a não-familiaridade com o termo, considerando-o muito amplo, necessitando de uma maior especificidade dessa discussão, ou seja, “essa relação de gênero é no sentido amplo ou, vou ser sincero eu não entendo não. Eu queria que você me desse uma dica porque eu nunca tive conhecimento sobre esse tipo, sobre gêneros” (Entrevistado 08, escola pública, educação física).

Houve entendimentos que se voltaram para uma compreensão das relações de gênero associada ao que se problematiza nos Estudos de Gênero. Dessa forma, duas professoras e um professor, mesmo com dificuldades, conseguiram discorrer sobre a temática, de maneira que associaram a categoria ‘relações de gênero’ à definição de papéis masculinos e femininos, ou seja: “bom, as relações de gênero no meu entendimento dizem respeito às definições de papéis, no desenvolvimento de tarefas e responsabilidades que o homem tem que fazer e que a mulher tem que fazer” (Entrevistado 09, escola pública, geografia). Ou ainda: “Seria a relação entre homem e mulher no dia-a-dia, na convivência com, vamos dizer dentro da sociedade, onde a gente começa a ver a diferença entre o comportamento do homem e da mulher, isto no seu relacionamento, nas suas obrigações etc” (Entrevistada 05, escola particular, história);

O que é gênero... Bem, o que eu entendo acerca de gêneros são exatamente comportamentos, a dualidade de comportamentos que poderia ser no caso o masculino e o feminino, a forma de cada um se conter. E como eu acho muito abrangente só gêneros, se você não especifica exatamente a linha que você deve seguir, porque aí a gente vai ter muita coisa de gênero que a gente poderia falar...Se você parte para a minha área aí vai ver, gêneros literários, gêneros textuais, então essa gama de gêneros, que eu acho que fosse mais orientado, mais limitado seria melhor da gente falar sobre gênero, o gênero eu acho vago (Entrevistada 02, escola particular, português).

Nesta fala, encontram-se traços de entendimento das relações de gênero que saem um pouco do senso comum, pois a entrevistada aponta uma definição de gênero que apresenta raízes no que a teoria acadêmica discute sobre o mesmo. É um entendimento mais voltado para uma concepção de que para homens e mulheres existem formas de comportamentos apropriados, quando a entrevistada 02 pontua gênero como a forma de cada um se conter, ela parece estabelecer uma relação com as compreensões fortemente ainda circulantes na sociedade de características ditas masculinas e ditas femininas, as quais determinam as regras de comportamentos sociais. Sua compreensão assenta-se na concepção clássica de relações de gênero que preconiza o dualismo entre o masculino e o feminino, não visibilizando a possibilidade de romper com o estabelecido e abrir-se para uma perspectiva que admite a ressignificação das relações entre homens e mulheres.

Os demais entendimentos expressos sobre essa categoria continuaram na perspectiva de proximidade com as noções teóricas de gênero, apontando aspectos essenciais de uma busca por igualdade de direitos e também indicando a mulher como mantenedora de comportamentos machistas. Porém, vale destacar que apenas as professoras fizeram referência a esses dois últimos aspectos, não tendo havido por parte dos professores, pelo menos a priori, uma preocupação com a luta por uma igualdade de direitos e, se não colocaram que a mulher apresenta comportamentos machistas, também não reconheceram, em sua fala, o homem como machista.

A partir das considerações apresentadas, ao expressarem seu entendimento sobre as categorias ‘ser mulher’, ‘ser homem’, os/as entrevistados/as referiram-se a noções vinculadas à discussão de gênero, sem, contudo, fazerem a correlação entre o que falavam e a teoria das relações de gênero. Seus discursos caminhavam para a definição de papéis estabelecidos para homem e mulher, abordando tanto a luta por direitos iguais quanto a manutenção de valores patriarcais.

Enfocando primeiramente o que é ‘ser mulher’, para os/as dez professores e professoras entrevistados/as, identificou-se, inicialmente, que, de forma igual, dois professores e duas professoras apresentaram entendimentos sobre a mulher associados à expressão de afetividade e maternidade. Ou seja, reproduziram, em suas falas, aspectos de um modelo tradicional que determina a mulher como sendo aquela que eminentemente nasceu para ser mãe, ter características afetivas e sensíveis, ser amorosa por natureza. Nos exemplos das falas que se seguem isto pode ser evidenciado:

Mulher, não consigo definir o que é ser mulher. Mulher é fêmea, é feminino. Mulher no sentido da palavra assim seria o sentido mais ligado às questões maternas, harmônicas, é sensibilidade, alguma coisa nesse sentido, isso numa visão mais romântica; numa visão pura, numa visão crua, vamos dizer assim, mulher seria o sentido de gênero feminino (Entrevistada 10, escola particular, geografia).

Ser mulher para mim é uma coisa muito importante, porque a mulher é mais que o homem em todos os sentidos, a mulher é bela, a mulher é meiga, a mulher é mãe, a mulher sabe educar mais que o homem, pra mim mulher é isso. (Entrevistado 03, escola particular, educação física).

A fala da entrevistada 10 apresenta a expressão de um pensamento que assume a dificuldade em definir o que é ‘mulher’, e quando, então, apresenta

o seu entendimento, ela evidencia a reprodução do estabelecido tradicionalmente para a mulher associando à maternidade, à sensibilidade, igualmente aos demais entrevistados/as analisados neste bloco, a exemplo do entrevistado 03, que condiciona a mulher aos atributos patriarcais de meiguice, beleza, maternidade.

Outro entendimento suscitado entre professores e professoras refere-se à caracterização da mulher como pessoa inserida na esfera pública, sem, contudo, descuidar-se das atividades domésticas. Nesse sentido, para dois professores e duas professoras, embora com algumas nuances, 'ser mulher' é ter um espaço na sociedade, ter ideais, ser uma profissional, mas também responder pelo lar, ser mãe. Pode-se esclarecer esse pensamento como estando baseado em uma visão de mulher que assume a dupla jornada de trabalho. A fala de um/a desses/as professores/as pode assim ser exemplificada:

Pra mim ser mulher é antes de tudo ser digna, ser responsável, ser comprometida com a família, é ter suas idéias próprias e lutar por elas desde que não venha ferir ou maltratar outros, mas ela tem realmente que lutar por um ideal. Agora, pra mim, ainda na minha concepção, talvez defira um pouco das situações das mais jovens, eu ainda acho que a mulher tem que ser dona de casa, mãe, esposa, isso pra mim é fundamental, dentro de parâmetros que venham a corresponder exatamente à altura da mulher. Não é ser dona de casa que faz com que a mulher se isole do mundo, deixe de partilhar das coisas, sirva de escrava, vá servir somente a marido, filhos, pelo menos em minha casa tudo é partilhado (Entrevistada 02, escola particular, português).

Essa fala traz em seu conteúdo aspectos que predominam nas falas dos/as outros/as três participantes que é navegar entre o estabelecido tradicionalmente para mulher e a ressignificação desse estabelecido na medida em que visibiliza a mulher lutando por ideais para além da função de mãe e esposa. Entretanto, há um ponto de reflexão a mais que caracteriza a fala da entrevistada 02, qual seja: ela sugere uma comparação da sua forma de pensar sobre o que é ser mulher com a forma de se pensar essa mulher através do olhar da juventude feminina sinalizando diferenças de opiniões. Isto por quê? Pode-se inferir que a referida professora não apenas retrata concepções tradicionais comuns a muitas mulheres da sua época, como ela é fruto de um período em que essas convicções eram mais fortes, mas foram com o tempo ressignificadas e, para essa entrevistada, o ideal é manter a dualidade de comportamentos, ou seja, a

mulher ser idealista e ser responsável pelo lar. Todavia, para essa professora, as mulheres mais jovens parecem pensar diferente, isso, possivelmente, porque estariam diretamente inseridas em uma realidade em que as discussões acerca da equidade de gênero são mais fortes na sociedade e essas jovens tornam-se não somente mais flexíveis às mudanças como exigem, com mais veemência, seus direitos. A fala a seguir é a que melhor expressa a perspectiva que entende a mulher como inserida na dupla jornada de trabalho:

Ser mulher pra mim, na minha casa, é ser mãe, ser esposa, no caso da minha mulher ela trabalha dois expedientes e meio por dia e ocupa o seu espaço numa coordenação como qualquer outra pessoa do sexo masculino ocuparia. Então, eu repito, ela tem o seu espaço garantido. Por ela ser mulher, ela não leva desvantagem em relação à concorrência com o sexo masculino não (Entrevistado 7, escola particular, ciências).

O que predomina no depoimento acima é a perspectiva que considera, por um lado, a equidade das mulheres em relação aos homens, no referente aos postos de trabalho e, por outro, a permanência da visão essencialista que aloca a mulher à condição de mãe e esposa.

Dentro da categoria ‘ser mulher’, o último aspecto abordado refere-se à luta por igualdade de direitos, um entendimento que foi expresso por duas professoras, não havendo por parte dos professores uma referência a esse aspecto, observação esta que se completa com a realidade captada na discussão sobre a categoria ‘relações de gênero’, quando os professores buscaram elaborar um entendimento sobre a mesma não fazendo referência à questão da luta por igualdade de direitos por parte das mulheres.

Agora, fazendo uma análise do entendimento dos/as entrevistados/as acerca do que seja ‘homem’, percebeu-se que para metade dos/as participantes (três professoras e dois professores) destacou-se a ideia de que ‘ser homem’ representa ser igual à mulher, ou seja, partilhar tarefas, ser batalhador. Citam-se dois destes depoimentos:

Ser homem é antes de tudo, como a mulher, ser digno, ser responsável, é ter aspirações, é lutar por elas, é ser cavalheiro, é saber, como a mulher, também reconhecer defeitos, viver uma vida partilhada, preocupar-se com o outro. Eu acho que ser homem é acima de tudo isso, é ser um camarada compreensivo, agora batalhador, ele tem que batalhar (Entrevistada 02, escola particular, portugueses).

Hoje, o homem e a mulher os seus direitos são iguais. Que antes o homem tinha mais direitos, mas agora com a nova Constituição os direitos do homem e da mulher são iguais, embora que as mulheres não tinham muito, não se destacavam em empregos e agora a mulher, a cada dia, está encontrando o seu espaço e tá quase igual na competição com o homem (Entrevistado 08, escola pública, educação física).

Se na categoria ‘ser mulher’ houve entendimentos que se situaram entre a reprodução de comportamentos tradicionais e a ressignificação dessa esfera tradicional, de forma análoga aconteceu com esse primeiro entendimento apresentado na categoria ‘ser homem’. Em uma perspectiva de visão tradicional do masculino, o homem deve ser cavalheiro, batalhador e na ressignificação dessas características, ele deve viver uma vida partilhada com a mulher. O entrevistado 08 vai mais além dessas ponderações e, de forma um pouco mais aberta, pontua a situação da mulher na sociedade hoje, remetendo-se pela primeira vez, através de uma voz masculina, a igualdade de direitos entre homens e mulheres, fazendo referência às dificuldades de reconhecimento que a mulher vem enfrentando no mercado de trabalho.

Ainda de acordo com os resultados, para três professoras, ‘ser homem’ está associado à prepotência e ao machismo. Cita-se como exemplo a fala de uma das entrevistadas:

[...] o homem seria o que, seria o forte, a segurança, o provedor, bom, isso segundo assim aquela visão que a gente tem de construção, até por conta da sociedade que a gente vive, sociedade altamente machista em que o homem não chora, coisa desse tipo, seria assim, o ser homem (Entrevistada 10, escola particular, geografia) (grifo das autoras).

Em relação ao depoimento da entrevistada 10, há a presença de uma consciência da mesma de que essas características ditas masculinas são socialmente construídas. Logo, nota-se, no conteúdo dessa fala, sua vinculação, mesmo que discreta, com a concepção de gênero enquanto construção social, concepção esta que, ao priorizar o enfoque social das distinções baseadas no sexo, não pretende negar “que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada deliberadamente a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas” (LOURO, 1997, p. 22). Em suma, essas três entrevistadas concebem o homem através do viés que os

qualifica como machistas, mandões, estabelecendo uma crítica contundente à cultura patriarcal.

Em contraponto à visão anteriormente apresentada pelas professoras, dois professores não se assumiram como machistas, nem fizeram referência a comportamentos assentados na cultura patriarcal. Mas, eles reforçaram esse machismo através do entendimento de homem como detentor de mais responsabilidades, conforme expressa a fala a seguir:

Ser homem, não me acho machista na questão de entender homem como superior à mulher. Sou homem e em relação a minha pessoa detentor de maiores responsabilidades, de ser cabeça da casa, de ter uma parte maior de cuidar do lar, de trabalhar, de incentivar, de apoiar (Entrevistado 09, escola pública, geografia).

Há, nessa fala, inicialmente, um processo de negação da postura machista, posto que o entrevistado justifica-se como não sendo superior à mulher, mas termina por reafirmar o modelo masculino patriarcal quando se coloca na posição de ser o chefe do lar.

Logo, nessa discussão das categorias ‘ser mulher’ e ‘ser homem’, é perceptível a existência de posicionamentos dos/as professores/as vinculados com as discussões pontuadas na teoria de gênero, não havendo, contudo, consciência de que estejam fazendo tal vinculação. Dessa forma, seria possível inferir que a discussão acadêmica do conceito de gênero não ocorre entre os/as entrevistados/as, mas há uma visão, em certo sentido, articulada com as prerrogativas do referido conceito na medida em que expressam as perspectivas relacionadas aos papéis e espaços que homens e mulheres ocupam na sociedade.

Ou seja, os/as entrevistados/as elaboram noções de gênero associadas às incorporações tradicionais e críticas de modelos de feminilidade e de masculinidade. Isso tem relação com o que Faria (1998, p. 27) coloca sobre definição de identidade de gênero como sendo “um juízo de auto-classificação como homem ou como mulher, com base naqueles aspectos que ao longo da história foram conformando culturalmente os modelos de homem e de mulher”.

Louro (1997) considera que as identidades de gênero estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão construindo-se como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus

lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. “Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também se transformando na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe” (LOURO, 1997, p. 28).

Quando se buscou realizar um estudo sobre as relações de gênero partindo de entendimento dos/as professores/as, não se podia deixar de estabelecer uma relação desse entendimento com a abordagem das questões de gênero na sala de aula. Sendo assim, dos/as dez entrevistados/as, apenas uma professora afirmou nunca ter abordado a temática em sala de aula, nem de forma planejada, nem a partir de questionamentos espontâneos dos/as alunos/as; os/as demais participantes (cinco professoras e quatro professores) afirmaram que a disciplina em si apresenta pouco espaço para a discussão específica deste conteúdo. Esses temas geralmente surgem espontaneamente e, nestas situações, são debatidos. Houve indicações de que, a partir de uma brincadeira, de uma frase, um texto, essas questões podem surgir e aí pode-se contextualizar historicamente a discussão, esclarecer dúvidas, ponderar com os/as estudantes temas como namoro, Aids, divisão de tarefas masculinas e femininas etc. Demonstrando essas análises, algumas falas podem ser expressas:

Porque é assim, textos diretamente ligados para o assunto em si, não é muito comum. [...]. Esses assuntos em linhas gerais a gente sempre comenta. Eu acredito que a maioria dos professores faz isso, há uma necessidade (Entrevistado 8, escola pública, educação física).

Olha, eu especificamente não trabalho com estes temas, mas sempre surge dentro da sala de aula alguma abordagem e a gente comenta. E a gente faz este levantamento, por exemplo, é muito comum um aluno chegar pra gente assim ‘fulano ficou com fulano, ficou com cicrano, daí vai contando os ficas’. Aí a gente pra mostrar que aqueles ficas são lances que vão acontecendo e que não vai perturbar, não vai prejudicar a pessoa. Então a gente comenta sobre namoro, sobre o casamento, faz uma comparação entre os namoros antigos com os de hoje. [...]. Então sempre procuro mostrar a questão da valorização da mulher que a gente não pode perder. Essa questão de se valorizar. Só tenho valor, se me der o valor (Entrevistada 5, escola particular, história).

Estas falas afirmam a necessidade das questões de gênero e de sexualidade serem trabalhadas em sala de aula, sendo que a fala da entrevistada 05

contextualiza melhor essa necessidade a partir da apresentação de exemplos de situações colocadas pelos/as alunos/as que suscitam discussões dentro do contexto escolar. O conteúdo da fala evidencia, embora de forma discreta, os posicionamentos da entrevistada mediante essas situações e denota que ela assume o papel de esclarecer as dúvidas do alunado. Vale ressaltar que a entrevistada apresenta, para as situações exemplificadas, uma visão que contém uma perspectiva tradicional relacionada aos aspectos da sexualidade e da própria questão de gênero, com base na incorporação de padrões hegemônicos de comportamentos masculinos e femininos. E o que fica como questionamentos são: como esse esclarecimento chega até o alunado? Há possibilidades de minimizar situações de preconceito, por exemplo, quando os/as professores/as ainda não apresentam sinais mais consistentes de mudança de mentalidade sobre os temas aqui discutidos?

Mediante essas considerações, parece inevitável tecer ponderações sobre a raiz desse despreparo dos/as professores/as que deve ser visto pelo menos, a priori, pelos seguintes ângulos: a incompatibilidade gerada no fazer profissional a partir de uma exigência cada vez mais crescente do/a professor/a trabalhar o/a aluno/a para saber conviver com a diversidade; a própria escola não apresentar um currículo que dê suporte a essa demanda; e também a ausência de capacitações relacionadas aos temas 'gênero e sexualidade'. Então, fica a questão: como o/a professor/a pode vir a sentir-se preparado/a para lidar, de fato, com questões como estas? Porém, não se pode isentá-lo/a da responsabilidade que ele/a também tem de buscar os meios que lhe são possíveis para esse preparo. Logo, certamente um primeiro passo seria reavaliar o seu entendimento sobre as relações de gênero, em uma perspectiva de adotar posicionamentos menos rígidos sobre essas questões.

Assim, o que se buscou realizar com este estudo foi mergulhar em uma amostra de professores/as e apreender seus entendimentos sobre as relações de gênero, enquanto processo familiar, ou não, as suas concepções de vida e as suas experiências em sala de aula. Pode-se identificar, de maneira geral, a pouca aproximação dos/as entrevistados/as com a discussão travada no seio da academia sobre os estudos de gênero. Contudo, há o reconhecimento, por parte deles/as, da importância de esse tema ser trabalhado junto aos educandos, porque seria um dos fatores que ajudaria aos mesmos a se conhecerem melhor e saberem conviver com a diversidade.

Referências

BARBIERI, T. **Sobre a categoria gênero: uma introdução metodológica.** Trad. Antonia Lewinsky. Recife: SOS Corpo, 1993.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais / Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília, DF: MEC/SEF, 2001.

COSTA, A. A. Outras palavras: gênero e empoderamento. In: CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação). **8 de Março: mulher tem de ser da luta! Março, 2002.**

FARIA, N. **Sexualidade e gênero: uma abordagem feminista.** São Paulo: SOF, 1998.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1991.

LOURO, G. L. A emergência do gênero. In: _____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

SANTOS, S. S. Matriculando o corpo na escola: o diálogo da educação física com as outras disciplinas. In: RIBEIRO M. (Org.) **O pensar e o prazer: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde.** São Paulo: Editora Gente, 1999

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade.** Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul/dez, 1995.

VIANNA, C. Sexo e gênero: masculino e feminino na qualidade da educação escolar. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1997.

VILLELA, W. V.; BARBOSA, R. M. Repensando as relações entre gênero e sexualidade. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (Org.). **Sexualidades brasileiras.** Rio de Janeiro: Relume Dumará; ABIA – IMS/UERJ, 1996.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.